

Cristina Maranzana da Silva

MÃOS, TERRA E FOGO:

uma artesanania psíquica

1ª edição | São Paulo | 2025



Copyright © Fábrica de cânones, 2025

Mãos, terra e fogo: uma artesanania psíquica © Cristina Maranzana da Silva, 2025



Editor

Eduardo Guimarães

Fotografias

Carol Esmanhotto, Mara Zoch

Revisor

Guilherme Sakai

Projeto gráfico e diagramação:

Regina Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S579m Silva, Cristina Maranzana da

Mãos, terra e fogo: uma artesanania psíquica / Cristina Maranzana da Silva.

– São Paulo, SP : Fábrica de Cânones, 2025.

56p. : il., color

ISBN 978-65-85148-26-9

1. Psicologia analítica 2. Cerâmica artística 3. Arte - Psicologia 4.

Simbolismo (Psicologia) 5. Mãos – Aspectos simbólicos I. Título

25-3190

CDD 150.198

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia analítica

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

À Rosa Botto Maranzana (*in memoriam*)
e Jorginho d'Ossil (*in memoriam*),
mãos anciãs que marcaram meu coração e cabeça,
respectivamente.

À Marina e Serena, delicadas mãozinhas
que acendem um grande amor.

Corpo matéria terra e texto

Nas forças telúricas,
fontes ctônicas.
Vertigens de mergulho em terra molhada

Deslizamento lodoso,
matéria desgarrada
desprendida da pedra dura.

Pedra desmanchada em água e calor,
abraçada pelo tempo.

Profundezas e superfícies
amassadas e misturadas,
contidas uma na outra.

Argila matéria (de)composta,
em solidez e fluidez
Prenha de criação e destruição.

É matéria sonhada com ambivalência
Um corpo em luta e cooperação,

Aos ouvidos da mão,
sussurros suaves,
lamentos que ecoam tempos imemoriais.

As mãos em tatear
Sonham,
inventam,
deformam
transformam.

A arte em terra e fogo é criação ancestral: terracota.
Legado,
vestígio e testemunho.
Artefato,
artesanato, memória e corpo
Ritual

Movimento dinâmico, orgânico e imaginal.
Um convite em ritmo e pulsação.

Amassar o barro, tocar e ser tocado
em simultânea captura e entrega.

A cerâmica é processo de transformação
processo vivo,
gradual,
lento e
íntimo.

PALAVRAS E IMAGENS INICIAIS

A cerâmica e a psicologia analítica são linguagens que dialogam comigo há muitos anos, o que torna difícil modelar em palavras todo o manancial de imagens que brotam. Nesta escrita escolhi algumas aproximações importantes, reflexões modeladas a partir da prática, tanto da ceramista quanto da psicóloga junguiana.

Aprendi com os mestres que vida e obra são conectadas. Impossível separar. Nessa escrita, revisei as origens, ou melhor, elas vieram me visitar. Tive um sonho durante o processo de seleção para a formação de analista: *estava indo para a entrevista e, ao chegar ao prédio do Instituto Junguiano, o elevador estava quebrado, as portas abertas e um mecânico tentava consertá-lo. Ele estava dentro do buraco do elevador, aparecia apenas da cintura para cima e ficava todo espichado, tentando alcançar a maleta de ferramentas. Empurro a maleta para mais perto dele e, antes de ir em direção à escada para chegar à entrevista, vejo que ele tira um pacote de argila molhada para colocar nas engrenagens do elevador. Ele pega nas mãos e começa a bater no piso para fazer uma pastilha. Eu pego o jornal amassado que ele estava usando para limpar as mãos sujas e abro-o no chão para bater o barro ali em cima, facilitando a modelagem da pastilha.*

Essa imagem ficou guardada durante muito tempo. Veio-me à lembrança durante o processo de escrita da monografia, atividade final da formação. A argila já estava ali, no início. Aliás, ela tem essa qualidade de estar no início, de estar disponível, ao alcance da mão operária.

Esse tema é muito especial para mim, e o exercício de colocá-lo em palavras revelou um método de escrita e reflexão análogo ao processo dessa artesanaria: preparar, amassar, modelar, secar, queimar. Entrego aqui nestas páginas um trabalho

de primeira queima, um “biscoito¹”, como é chamada essa etapa. Uma queima que inaugurou e fundou toda a artesanania cerâmica, a terracota.

No entanto, nos últimos quatorze anos, a única artesanania que literalmente está sendo desenvolvida é a artesanania da clínica psicológica. A cerâmica aqui ganha corpo e reflexão imaginal, o que possibilita olhar por outra perspectiva, uma perspectiva psicológica. Compartilho o trabalho de uma psicóloga ceramista que, ao exercitar uma escuta sensorial e um olhar tátil, teve seu modo de trabalho refinado pela relação com a matéria. O que faz com que este trabalho fale mais sobre uma escrita tátil, sobre uma clínica onde as mãos conduzem a partir do encontro com a matéria, e nas sensações que, absorvidas pela mão, transformam o olhar. Refletir sobre uma psicologia-cerâmica é se aproximar da alquimia, do processo de transformação da matéria como uma metáfora muito potente para a psicologia analítica, tal qual C.G. Jung, James Hillman e outros importantes analistas junguianos fizeram.

Essa experiência corporal, sensorial, afetiva e fundamentalmente imaginal é suporte de toda essa artesanania porque é a própria artesanania. Uma artesanania que entrega um fazer; psicologia que vai em direção ao profundo, à psique objetiva, ao arquetípico, esse é o aprendizado na formação.

Na construção deste texto, segui três movimentos: um que aproximasse o leitor de forma gradual lenta, criando uma intimidade como o trabalho com a matéria – um tatear que vai aquecendo aos poucos até encontrar ritmo e cadência de modelado; um segundo movimento, de ouvir as imagens e olhar através da perspectiva material, aproximando com o trabalho analítico de ouvir as histórias e sonhos em psicoterapia; por fim, o terceiro movimento consiste nos processos e nas técnicas do trabalho na matéria, como se fosse o trabalho em psicoterapia.

.....

1 O biscoito é a primeira queima da argila, que acontece geralmente entre as temperaturas de 900 °C e 1000 °C. Esta primeira queima tem a função de criar durabilidade, resistência e de deixar a peça impermeável para que depois – na queima do esmalte – a cor fixe perfeitamente na peça.

“As mãos sonham.
Da mão às coisas desenvolve-se
toda uma psicologia”
(Bachelard, 2001, p. 68)

MÃOS À OBRA

As mãos fazem parte do nosso cotidiano. Elas estão presentes em gestos, linguagem e metáfora. São versáteis e articuladamente hábeis. As mãos fabricam muitas coisas, inclusive expressões que dispensam tradução: *dar as mãos, passar a mão, abrir mão, sair na mão, molhar a mão, ficar na mão, lavar as mãos. Mão fechada, mão de ferro, mãos leves, mãos ao alto, mão boba, mãos atadas, mão na massa, mãos de fada, de mão cheia, mãos à obra. Em boas mãos, em primeira mão, de segunda mão, uma mão na frente e outra atrás.*

No campo semântico, as mãos nos conduzem a lugares diferentes. Por exemplo, “abrir mão” é diferente de “mão aberta”. “Passar a mão na cabeça” é diferente de “colocar a mão na cabeça”. E nesse manuseio todo, percebi que fiquei cheia de dedos para falar da mão que nos dá prazer.

As mãos em feitura hábil de palavras e coisas articulam metáforas e imagens essenciais ao trabalho psicológico. Nessa escrita, a imaginação material vai deslocando a imagem das mãos para as mãos como imagem. Através de uma reflexão tátil e sensorial, mãos artesãs dão corpo e forma ao trabalho com a psique, uma artesanaria que é própria do cultivo da alma. Hillman (2013,p.189) sobre isso afirma: “o que nos é dado não nos levará longe, algo tem que ser feito”. Assim, a partir da imagem do trabalho manual, Barcellos (2012) reconhece nas mãos a imagem arquetípica do trabalho, e Hillman (1989) enfatiza isso dizendo que, através das mãos, uma imaginação metaforicamente material incide em nosso trabalho com a psique.

Mãos, terra e fogo são imagens fundadoras da cerâmica. Entrelaçadas desde os primórdios, carregam e constituem muitos saberes: antropológicos, históricos, poéticos, artísticos e científicos. Porém, neste trabalho pretendo tatear essas imagens em uma perspectiva psicológica. O que constitui um trabalho de artesanaria e devaneios sobre uma psicologia cerâmica, em uma imaginação que habita a terra lodosa, essa massa úmida e fria que, no calor das mãos e do fogo, anseia por transformação.

A cerâmica como linguagem é suporte e materialidade para a criação artística e artesanal. É também um *cogito* aberto e inventivo de engendramentos tecnológicos. Em seu manuseio há sempre um retorno à origem, mas nunca ao mesmo lugar. O originário segue originando. A cerâmica da fogueira segue nos foguetes. O conhecimento cerâmico segue inovando em abertura constante. Não numa ideia de progresso, mas de mutação. A cerâmica é imagem de um movimento perpétuo de transformação, uma imagem que ancora o processo de individuação em experiência empírica e poética.

Encontramos em Hillman um importantíssimo legado, uma psicologia que clama por uma existência sensorialmente poética. O fazer alma que ele propõe imagina a *opus* como um trabalho semelhante ao artesanal. Uma artesanaria diária, um trabalho sensível e imaginal no cotidiano. Uma imaginação tributária da mão articula habilmente a materialidade da vida e a sensorialidade imaginativa que foram sistematicamente desvalorizadas pela construção do pensamento moderno.

Na nossa espécie, as mãos vêm antes da linguagem e das narrativas. A habilidade dos dedos é a base de toda a nossa civilização. Mãos que diferenciam, separando o joio do trigo, mas também natureza e cultura, elas são a tecnologia mais antiga da história humana. Encontramos na mão humana toda a humanidade. O humano faz, e ao fazer, se faz humano.

ANTES DO CÉREBRO, A MÃO

As mãos, em termos de percepção tátil, apresentam uma mudança de consciência: desse lugar *in natura*, mais inconsciente, mais indiferenciado que passa a se diferenciar pelo contato, pelo toque. Assim, elas vão produzindo registros e vestígios de todo um processo de invenção e transformação em que o mundo mudou, mas as mãos não.

No mapa das mãos, é o polegar opositor o responsável pela especificidade da civilização. O pequeno polegar agigantou a mobilidade da garra tornando-a mão. O desenvolvimento do polegar opositor há 2.000.000 de anos proporcionou o aumento da destreza manual, habilidade, flexibilidade e precisão. Aqui temos uma grande virada: uma catraca cultural² acontece com o surgimento do polegar opositor, multiplicam-se as habilidades motoras. Um gesto que permite pegar objetos de diferentes tamanhos com a mesma eficiência e manipulá-los com maior destreza, força e sutileza.

A mão humana passa a ter uma diversidade de possíveis, do uso das lanças até a linha e a agulha. Mas, dentre todas essas conexões com a vida e o entorno, para Mircea Eliade, a maior descoberta da idade da Pedra é um mundo imaginário criado e enriquecido pela intimidade com a matéria:

O valor empírico dessas invenções é evidente. Bem menos óbvia é a importância da atividade imaginária deflagrada pela intimidade com as diferentes modalidades da matéria. Trabalhando com um sílex ou uma agulha primitiva, ligando peles de

.....

2 Conforme Harari (2020): catraca cultural é usado para designar saltos na história da civilização.

animais ou tábuas de madeira, preparando um anzol ou uma ponta de flecha, moldando uma estatueta em argila, a imaginação revela analogias insuspeitas entre os diferentes níveis do real; as ferramentas e os objetos são carregados de inumeráveis simbolismos, o mundo do trabalho – o microuniverso que rouba a atenção do artesão durante longas horas – torna-se um centro misterioso e sagrado, rico em significados. O mundo imaginário criado e continuamente enriquecido pela intimidade com a matéria deixa se aprender de maneira insuficiente nas criações figurativas ou geométricas das diferentes culturas pré-históricas. Mas esse mundo ainda nos é acessível nas experiências da nossa própria imaginação. É principalmente essa continuidade no plano da atividade imaginária que nos permite “compreender” a existência dos homens que viviam nessas épocas longínquas. Mas, ao contrário do homem das sociedades modernas, a atividade imaginária do homem pré-histórico possuía uma dimensão mitológica. Uma quantidade considerável de figuras sobrenaturais e de episódios mitológicos, que vamos encontrar nas tradições religiosas posteriores, representa muito provavelmente as “descobertas” da idade da Pedra. (Mircea Eliade, 2010, p. 45).

Eliade nos faz perceber que as mãos, ao modelarem a matéria, modelam o imaterial. Ao observarmos as estatuetas de argila, ou os pequenos recipientes côncavos que se encaixam na mão como conchas de terra, vamos encontrando uma linguagem ritual, vestígios de um cotidiano que ganha ritmos e artifícios que vão modelando outras formas de habitar, de ser e viver.

A cerâmica, para além de um artefato, é narrativa, é magia, é matéria-mundo, criação de cosmos e microcosmos. Suas propriedades materiais e técnicas foram se construindo nesse fazer em si. Ao contrário do que se pensa, a cerâmica não surgiu com a agricultura; sua prática é anterior ao cultivo do solo. Sua prática nasce do jogo entre mão e matéria ao redor do fogo, um jogo animado pela imaginação coletora. Dar forma é também formar-se, e nada é mais formador que modelar o barro.

FOTOGRAFIA: CAROL ESMANHOTTO

